

Rupturas e Reinvenções: Sociabilidades e Subjetividades na Comunidade Ballroom de Natal/RN¹

José Enzo Soares dos Santos²

Ana Lucia Barbosa Moraes³

Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN

RESUMO

A comunidade *ballroom* que nasce na Nova Iorque dos anos 1970, figura-se num espaço de existência coletiva de corpos subalternos em busca da celebração de suas vidas. Em Natal, essa cena tem fornecido novas possibilidades de sociabilidades e subjetividades das existências cuirs. A partir de uma pesquisa bibliográfica e etnográfica, por meio da observação participante, objetivamos com este trabalho verificar como a cena *ballroom* tem subvertido espaços em busca de outras sociabilidades para os corpos que fogem das normas de gênero, sexo e sexualidade. Verificou-se que as *balls* promovem novas formas de experimentar o corpo e de criar novas identidades.

PALAVRAS-CHAVE: Ballroom; Subjetividade; Sociabilidade; Devir; Construção de Identidades.

INTRODUÇÃO

A comunidade ballroom nasce no subúrbio de Nova Iorque durante os anos 1970 com a necessidade das comunidades LGBTQIAPN+ latino-americana e negra celebrarem suas existências. Formada por corpos que dissidem das normas de gênero, sexo e sexualidade, Silva (2024) vai definir esse movimento cultural como a construção de uma comunidade que busca celebrar, fortalecer e produzir artisticamente entre sua multiplicidade de sexo, gênero, raça e classe.

No Brasil, as balls têm realizado o feito de reunir esses corpos em um constante movimento pela cidade, afirmando suas existências perante a metrópole (Santos e Moraes, 2025), que, como afirma Henri Lefebvre (1968), foi pensada para a segregação e a alienação dos sujeitos. A cidade também funciona como um espaço de construção das identidades, principalmente ao reforçar a constituição delas a partir das tecnologias de gênero.

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho GTNE24 - Teorias e Tecnologias da Comunicação, evento integrante da programação do 25º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 26 a 28 de junho de 2025.

² Estudante de Graduação 5º semestre do Curso de Jornalismo da UFRN, email: enzo.soares.706@ufrn.edu.br

³ Professora Doutora Adjunta do Departamento de Comunicação Social da UFRN, email: ana.lucia.moraes@ufrn.br

Para além das fronteiras nacionais, milhões de fronteiras de gênero, difusas e tentaculares, segmentam cada metro quadrado do espaço que nos rodeia. Ali onde a arquitetura parece simplesmente se colocar a serviço das necessidades naturais mais básicas (dormir, comer, cagar, mijar...), suas portas e janelas, seus muros e aberturas, regulando o acesso e o olhar, operam silenciosamente como a mais discreta e efetiva das “tecnologias de gênero” (Preciado, 2019).

Observamos que a comunidade *ballroom*, inserida na cidade do Natal, tem a capacidade de subverter a lógica do espaço urbano e inserir corpos dissidentes em um movimento de circulação por toda a cidade (Santos e Moraes, 2025). Objetivamos com esse trabalho evidenciar a cena *ballroom* como criadora de espaços de sociabilidade e subjetividade na medida em que promove essa reunião e experimentação dos diferentes corpos na cidade do Natal.

SOCIABILIDADES OUTRAS (CUIRS)

Se, como nos lembra Paul B. Preciado (2019), no tópico anterior, a cidade utiliza suas ferramentas mais banais para constituir os corpos dos indivíduos, com a arquitetura e a utilidade dos espaços, o que constitui os corpos dissidentes? Pensemos que os espaços de lazer e diversão, para os jovens, são essenciais para a construção de suas identidades, como aponta Helena Abramo:

O lazer, para os jovens, aparece como um espaço especialmente importante para o desenvolvimento de relações de sociabilidade, das buscas e experiências através das quais procuram encontrar suas novas referências e identidades individuais e coletivas - é um espaço menos regulado e disciplinado do que os da escola, do trabalho e da família (ABRAMO, 1994, p. 61).

Os corpos que fogem da norma de sexo, gênero e sexualidade necessitam criar outros espaços de existência perante a cidade, nas margens do espaço urbano. Espaços reservados para suas existências clandestinas. Boates, clubes, bares, saunas e festas itinerantes abraçam esses corpos e participam da constituição de cada um desses sujeitos ao possibilitar suas existências individuais e coletivas livremente. Castells (1999) contribui com o pensamento ao evidenciar que após a revolta de Stonewall, pessoas LGBTQIAPN+ começaram a se organizar politicamente não apenas em torno de instituições comunitárias de apoio, mas também no território, ocupando regiões específicas e espacialmente segregadas nas grandes metrópoles dos EUA.

Dessa forma, as *balls* agem como esses mecanismos de defesa da própria comunidade sobre a reprodução desse espaço que busca e constrói a hegemonia dos corpos e das identidades na cidade. As *balls* funcionam como espaços cuirs, como

definido por Preciado (2013) “os espaços queer são espaços de liberdade sexual e de reconstrução dos corpos e identidades.”

A BALLROOM NO CERNE DA QUESTÃO

Em Natal, capital do Estado do Rio Grande do Norte, a comunidade *ballroom* promove *balls* e treinos abertos que circulam por toda a cidade; da zona norte à zona sul; de terreiros de umbanda a praças públicas (Santos e Moraes, 2025). Os bailes são, de fato, espaços de sociabilidade LGBTQIAPN+, principalmente ao subverter a lógica do espaço urbano que colocava esses corpos à margem. Agora, com os bailes, seus corpos figuram na centralidade do território urbano.

Guattari (1993) nos lembra que as subjetividades são produzidas coletivamente. Podemos compreender que, nas *balls*, assim como afirma o autor, essas subjetividades se constroem a partir dos afetos - efeitos de um corpo sobre o outro, de modo que esses eles vão se reconfigurando e se apropriando do território, reterritorializando-se nas afecções que constroem o novo território de existência coletiva.

As *balls*, formadas por pessoas que compõem uma *house* ou se conectam a partir de suas existências sem uma, chamadas de 007, configuram seus afetos para a celebração de suas existências, ponto principal da comunidade *ballroom*. Por meio da observação participante, percebemos o apoio e as novas configurações de relações que essa cena cultural fomenta para os corpos dissidentes, novas formas de família, como bem nos lembra Abigail Campos Leal (2021).

Essas novas formulações que o corpo cria, para relacionar-se com o espaço urbano, nos provocam experimentações sobre a própria identidade. A construção das subjetividades, em um devir constante de fazer-se e desfazer-se, na *ballroom*, possibilita a elevação do corpo à sua enésima potência: a potência de experimentar a própria vida, que parte dos afetos e das formas de deixar-se afetar.

Em campo, percebemos que existe uma pluralidade de identidades na comunidade *ballroom* potiguar. São adolescentes e adultos reafirmando suas identidades na sociedade. A *ballroom* não é apenas um espaço estético ou de performance, mas também um espaço de resistência e afirmação política. As performances dos indivíduos

mudam, ganham elementos e cada vez mais, afirmam o corpo dissidente no campo da possibilidade de existência.

Deleuze e Guattari (1997) afirmam que as identidades não são dadas ou fixas; elas são uma construção contínua, sempre sujeita a mutações. O "devir", nas *balls*, não é uma questão de imitar ou se apropriar de outro, mas de se imergir em um processo de alteridade, de multiplicidade e experimentação, rompendo com as categorias fixas e normativas de identidade. Através do devir, é possível subverter estruturas estabelecidas e imaginar novas formas de subjetividade, de ação política e social. Isso se aplica de forma concreta à cena *ballroom*, onde os corpos dissidentes podem se mover, se transformar e se apropriar de novas possibilidades de existência.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A comunidade *ballroom*, ao ocupar o espaço urbano de Natal, não apenas desafia as normas de gênero e sexualidade, mas também promove um novo tipo de sociabilidade, em que a liberdade de se expressar e a aceitação da diversidade são fundamentais. As *balls*, como espaços de sociabilidade e subjetividade, funcionam como uma forma de resistência à normatividade sociocultural imposta e uma afirmação do direito de existir em um mundo que frequentemente marginaliza corpos dissidentes. Assim, a *ballroom* se revela não apenas como um movimento cultural, mas como uma poderosa prática de reterritorialização e reinvenção das identidades urbanas, ressignificando os espaços e as relações dentro da cidade.

Esse movimento não é um processo individual, mas um fluxo coletivo de afetos e relações, em que cada corpo se mistura ao de outros, criando novas formas de sociabilidade e subjetividade. Ao ocupar o espaço urbano, os corpos dissidentes da *ballroom* rompem com as normas e desafiam as estruturas de poder que tentam definir quem eles devem ser, permitindo uma reinvenção constante das suas identidades. A *ballroom*, portanto, se torna um espaço de liberação e criação, onde o "devir" é vivido como uma forma de resistência e afirmação, transformando o espaço de maneira irreversível.

Pensar novas possibilidades de existir e resistir na cidade contemporânea não é uma tarefa fácil, principalmente para os corpos LGBTQIAPN+ que passam por diversas formas de violência no âmbito público de suas vidas. Estamos no país em que mais se

matam pessoas LGBTQIAPN+, precisamos pensar e figurar outras fugas possíveis para essas vidas. É necessário intervir, romper e fugir a essa norma sociocultural de controle dos corpos, que busca extinguir outras maneiras de viver e existir.

REFERÊNCIAS

ABRAMO, Helena Wendel. Cenas juvenis: punks e darks no espetáculo urbano. São Paulo: Editora Página Aberta, 1994.

CASTELLS, M. A Era da Informação: economia, sociedade e cultura, vol. 2, Rio de Janeiro: Paz e terra, 1999.

DELEUZE, G., GUATTARI, F. Mil Platôs – Capitalismo e Esquizofrenia, vol 5. São Paulo: Editora 34, 1997.

GUATTARI, F. Da produção de subjetividade. In: Imagem-máquina. PARENTE, A. (org). Rio de Janeiro: Editora 34, 1993, p. 177-191.

LEAL, abigail Campos. Ex/orbitâncias: os caminhos da deserção de gênero. Série Inegociável. 1. ed. São Paulo: Glac Editora, 2021.

LEFEBVRE, H. O direito à cidade. 2008 [1968]. 5ª ed. São Paulo: Centauro.

PRECIADO, Paul B. Contra o Fascismo Queer. São Paulo: n - 1 edições, 2013.

PRECIADO, Paul B. “Lixo e Gênero, Mijar/Cagar, Masculino/Feminino”. Trad. de Davi Giordano e Helder Thiago Maia. eRevista Performatus, Inhumas, ano 7, n. 20, abr. 2019.

SANTOS, José Enzo Soares dos; MORAES, Ana Lucia Barbosa. Corpos em movimento: a comunidade ballroom e o direito à cidade em Natal. in Caderno de Resumos Expandidos do V Congresso de Diversidade Sexual e de Gênero, UFMG, 2025.

SILVA, Juanielson Alves. Afinal, de onde o voguing vem?: breves reflexões sobre a comunidade ballroom. In: Anais do Quinto Seminário Internacional Corpo E Processos De Criação Nas Artes Da Cena: Saberes Da África. Anais...Natal(RN) UFRN, 2024. Disponível em:
<https://www.even3.com.br/anais/v-seminario-internacional-corpo-e-processos-de-criacao-nas-artes-da-cena-saberes-da-africa-466959/888205-AFINAL-DE-ONDE-O-VOGUING-VEM---BREVES-REFLEXOES-SOBRE-A-COMUNIDADE-BALLROOM>. Acesso em: 17/01/2025